

EMMA CLINE

AS RAPARIGAS

Tradução de José Vieira de Lima

Ergui os olhos por causa dos risos e continuei a olhar por causa das raparigas.

A primeira coisa em que reparei foi o cabelo, comprido e despen-teado, e, logo de seguida, as joias em que o sol incidia. As três raparigas estavam bastante longe de mim e, por isso, a minha visão das suas feições era superficial, mas esse pormenor não tinha a menor importância – eu sabia que elas eram diferentes de todas as outras pessoas no parque. Famílias que avançavam lentamente numa vaga fila, à espera de salsichas e hambúrgueres grelhados ao ar livre. Mulheres com blusas de xadrez, que se colavam contra as ancas dos namorados. Miúdos que atiravam bolotas de eucalipto para galinhas de aspeto feroz, apinhadas num cercado. Estas raparigas de cabelos compridos pareciam pairar acima de tudo o que acontecia em torno delas, trágicas e separadas do mundo. Como realeza no exílio.

Estudei as raparigas com um espanto boquiaberto, mas de que não tinha vergonha: não me parecia possível que elas tivessem reparado em mim. O meu hambúrguer ficou esquecido no colo, enquanto a brisa trazia do rio um fedor a peixe. Nesta época, eu examinava e classificava imediatamente as outras raparigas, registando logo a minha baixa estatura, e concluí que a de cabelos negros era a mais bonita. Estava à espera disso mesmo antes de conseguir observar os seus rostos. Havia nela uma sugestão de que não pertencia a este mundo, com aquele vestido sujo tipo bata que mal lhe cobria o rabo. Estava entre uma ruiva escanzelada e uma rapariga mais velha, vestida com o mesmo esmero imundo. Como que dragadas

de um lago. Todos os seus anéis baratos como um segundo conjunto de nós dos dedos. Confrontavam-se com um limiar desconfortável, beleza e fealdade ao mesmo tempo, e a consciência que os outros tinham desse seu estado perseguia-as como uma onda através do parque. As mães olhavam à sua volta à procura dos filhos, movidas pelo mesmo sentimento que não conseguiam nomear. Mulheres procuravam as mãos dos namorados. O sol trespassava as árvores, como sempre – os sonolentos salgueiros, lufadas de vento que invadiam as mantas dos piqueniques –, mas a familiaridade do dia era perturbada pelo caminho que as raparigas percorriam no mundo normal. De um modo suave, descuidado, como tubarões fendendo as águas.

PRIMEIRA PARTE

Começa com o *Ford* a subir lentamente o caminho estreito, o doce zumbido das madressilvas adensa o ar de agosto. As raparigas no banco de trás, de mãos dadas, as janelas do carro abertas para deixar entrar o ressumar da noite. O rádio a tocar até que o condutor, de súbito nervoso, o desliga.

Escalam o portão, ainda com as luzes de Natal penduradas em fios. Deparam, primeiro, com a silenciosa quietude da casinha do zelador; o zelador que dorme uma sesta ao entardecer no sofá, os pés nus tão juntos como fatias de pão. A namorada dele na casa de banho, a limpar as meias-luas esborratadas da maquilhagem dos olhos.

Depois, a casa principal, onde deixam em pânico a mulher que lê no quarto de hóspedes. O copo de água treme na mesa de cabeceira, o algodão húmido das cuecas da mulher. O filho de cinco anos ao lado murmurando disparates indecifráveis para lutar contra o sono.

Conduzem toda a gente para a sala de estar. O momento em que as pessoas, aterrorizadas, compreendem que o doce quotidiano das suas vidas – o sumo de laranja que bebem de manhã, a curva inclinada que fazem de bicicleta – já desapareceu. Os rostos delas mudam como um obturador a abrir-se; a revelação para lá dos olhos.

Tinha imaginado essa noite tantas vezes. A estrada escura da montanha, o mar sem sol. Uma mulher morta no relvado de noite. E, embora os pormenores se tenham esbatido ao longo dos anos, ganhando segundas e terceiras peles, quando ouvi a fechadura a abrir-se perto da meia-noite, esse foi o meu primeiro pensamento.

O desconhecido à porta.

Aguardei que o som revelasse a sua fonte. Um dos filhos dos vizinhos aos encontrões a um caixote do lixo. Um veado numa corrida veloz entre os arbustos. Só poderia ser isso, disse a mim mesma, aquele chocalhar distante na outra parte da casa, e tentei imaginar como o espaço pareceria inofensivo de novo à luz do dia, como pareceria sereno e imune ao perigo.

Mas o ruído persistiu, impondo-se na vida real. Agora ouviam-se risos no outro quarto. Vozes. O zumbido pressurizado do frigorífico. Com uma rede larga, pescava explicações, mas só conseguia apanhar o pior dos pensamentos. Depois de tudo, seria assim que acabaria. Apanhada numa casa que não era minha. Entre os factos e os hábitos de outra pessoa. As pernas nuas, percorridas por veias varicosas – como seria frágil a minha aparência quando me atacassem, uma mulher de meia-idade à procura de refúgio nos cantos.

Deixei-me ficar deitada na cama, respirando superficialmente, enquanto fixava a porta fechada. À espera dos intrusos, os horrores que imaginava ganhavam forma humana e povoavam o quarto – compreendia que não haveria heroísmos patetas. Apenas o terror obscuro, a dor física que teria de sofrer. Eu não tentaria fugir.

Só me levantei da cama depois de ter ouvido a rapariga. A voz era alta e inócua. Embora isso não devesse ser reconfortante – Suzanne e as outras eram raparigas e isso não fora ajuda para ninguém.

Estava a passar um tempo numa casa emprestada. O escuro ci-preste marítimo erguia-se numa massa compacta para lá da janela, a ferroada do ar salgado. Comia como um animal, como em criança – uma montanha de esparguete, encharcada em queijo. Um nada de sobressalto da gasosa na minha garganta. Regava as plantas do Dan uma vez por semana; levava cada uma para a banheira, passava com o vaso sob a torneira até a terra borbulhar. Por várias vezes, tinha tomado duche com a banheira juncada de folhas mortas.

A herança que restara dos filmes da minha avó – horas e horas de película com ela ostentando o seu sorriso algo agressivo, a sua boina perfeita de caracóis –, já a tinha gastado dez anos antes. No

meu trabalho – cuidar de pessoas em casa –, tinha uma queda para os espaços intermédios das existências dos outros. Cultivava uma invisibilidade amável com roupas que excluía toda a sensualidade, o rosto obscurecido com a expressão agradável e ambígua de uma escultura de jardim. A parte agradável era importante, o truque mágico da invisibilidade só era possível quando parecia satisfazer a ordem correta das coisas. Como se fosse algo que eu também queria. As pessoas de quem eu cuidava eram variadas. Um miúdo com necessidades especiais, que tinha pavor de tomadas elétricas e semáforos. Uma mulher idosa que via *talk-shows* enquanto eu contava os comprimidos que enchiam um pires, as cápsulas rosa-claras lembrando subtis rebuçados.

Quando o meu último trabalho acabou e não apareceu outro, Dan ofereceu-me a casa de férias dele – o gesto preocupado de um velho amigo –, como se eu estivesse a fazer-lhe um favor. A luz do sol enchia as divisões da casa com a densidade nebulosa de um aquário onde as madeiras inchavam com a humidade. Como se a casa respirasse.

A praia não era popular. Demasiado fria, sem ostras. A única estrada que atravessava a cidade tinha casas pré-fabricadas de um lado e do outro, erguidas em lotes extensos – os cata-ventos a estalarem ao sabor do vento, alpendres apinhados de boias e salva-vidas descorados, peças decorativas de gente humilde. Às vezes, fumava um pouco da marijuana penugenta e pungente do meu senhorio, depois ia a pé até à loja na cidade. Uma tarefa que conseguia terminar, tão definida como lavar um prato. Ou estava suja ou estava limpa, e eu gostava desses binários, do modo como eles aguentavam um dia.

Raramente via alguém quando saía. Os únicos adolescentes da cidade pareciam matar-se em processos horrivelmente rurais – ouvia falar de carrinhas que se espetavam às duas da manhã, de alguém que adormecia no carro dentro da garagem com o consequente envenenamento por monóxido de carbono, da morte do capitão de uma equipa de futebol americano. Não sabia se isto era um problema decorrente da vida no campo, do excesso de tempo, do tédio e dos veículos recreativos, ou se era uma coisa típica da Califórnia, um grão na luz que incitava ao risco e a estúpidas proezas cinematográficas.

Os meus pés não tinham sentido o mar uma única vez. Uma empregada do café disse-me que era uma zona muito frequentada por tubarões-brancos.

Quando a cozinha subitamente se iluminou, levantaram os olhos como guaxinins no lixo. A rapariga soltou um grito. O rapaz erguia-se alto, seco, esguio. Eram só dois. O meu coração batia violentamente, mas eles eram tão jovens – um casal local, imaginei, que assaltava casas de férias. Eu não ia morrer.

– Mas que porra é esta? – O rapaz pôs em cima da mesa a garrafa de cerveja, com a rapariga agarrada a ele. O rapaz parecia ter à volta de vinte anos, vestia uns calções *cargo*. Meias brancas altas, acne róseo sob uma penugem de barba. Mas a rapariga era uma coisinha de nada. Quinze, dezasseis anos, as pernas pálidas tingidas de azul.

Tentei mostrar a autoridade que podia, enquanto apertava as bainhas da *T-shirt* contra as coxas. Quando disse que ia chamar a polícia, o rapaz reagiu com um riso desdenhoso.

– Chame já. – Puxou a rapariga mais para si. – Chame os chuis. Sabe que mais? – Tirou o telemóvel. – Foda-se, eu é que vou chamá-los.

Subitamente, a vidraça de medo que se erguera no meu peito estilhaçou-se.

– Julian?

Apetecia-me rir – da última vez que o vira, ele tinha treze anos, era um miúdo escanzelado, em pleno crescimento. O único filho de Dan e Allison. Acossado, obrigado a participar em concursos de violoncelo em todo o oeste dos Estados Unidos. Um professor de Mandarim às quintas-feiras, o pão integral e as gomas que afinal eram vitaminas, fortalezas erguidas pelos pais contra o fracasso. Tudo isso falhara e ele acabara numa universidade do Estado da Califórnia em Long Beach ou Irvine. Lembrei-me: tinha havido sarilhos na universidade. Expulsão ou talvez uma versão mais suave, uma sugestão de um ano no *junior college*¹. Julian fora um miúdo tímido, irritável, com medo

¹ Nos Estados Unidos, uma universidade que só oferece os dois primeiros anos de um curso. (*N. do T.*)

de rádios dos carros, de comidas que não conhecia. Agora, todo ele era aspereza, dureza, com tatuagens arrepiantes sob a camisa. Não se lembrava de mim e porque haveria de se lembrar? Eu era uma mulher fora do seu leque de atenções eróticas.

– Vou passar aqui algumas semanas – disse eu, consciente das minhas pernas nuas e incomodada com o melodrama, depois da menção da polícia. – Sou amiga do teu pai.

Era notório o esforço que ele fazia para me localizar, para encontrar um sentido.

– Evie – acrescentei.

Nada.

– Vivia naquele apartamento em Berkeley. Perto da casa do teu professor de violoncelo. – Por vezes, depois das lições, Dan e Julian passavam pela minha casa. Julian bebia sequiosamente leite e arranhava as pernas da minha mesa com pontapés robóticos.

– Oh, merda... – disse Julian. – Pois é. – Não sabia se ele se lembrava realmente de mim ou se eu tinha apenas conseguido invocar um número suficiente de pormenores tranquilizantes.

A rapariga virou-se para Julian, de rosto tão vazio como uma colher.

– Está tudo OK, miúda – tranquilizou-a, beijando-a na testa. – Inesperada, a sua gentileza.

Julian sorriu-me e eu dei-me conta de que estava bêbedo ou talvez apenas pedrado. Havia nas suas feições uma oleosidade, uma humidade doentia na pele, embora a sua educação de menino de classe alta emergisse como uma língua materna.

– Esta é a Sasha – apresentou ele, com uma cotovelada na rapariga.

– Olá – disse uma voz aflautada, desconfortável. Tinha-me esquecido dessa parte pateta das adolescentes: o desejo de ser amada irrompeu no seu rosto de uma forma tão direta que me deixou atrapalhada.

– E, Sasha – disse Julian –, esta é...

Os olhos de Julian esforçaram-se por se concentrarem em mim.

– Evie – lembrei-lhe.

– Certo – disse ele. – Evie. Fogo...

Bebeu um pouco de cerveja, o clamor das luzes refletido na garrafa

âmbar. Olhava fixamente para lá de mim. A apreciar o mobiliário, o conteúdo das estantes, como se esta fosse a minha casa e ele o intruso.

– Fogo, deves ter pensado que nós estávamos tipo a assaltar a casa ou coisa parecida.

– Pensei que vocês eram cá da terra.

– Esta casa foi assaltada uma vez – contou Julian. – Era eu miúdo. Nós não estávamos cá. Só roubaram as nossas roupas de inverno e um montão de abalones que estavam no frigorífico. – Bebeu mais um gole.

Sasha não tirava os olhos de Julian. Tinha uns calções feitos a partir de calças, um erro crasso para a costa fria, e uma camisola demasiado grande que devia ser dele. De punhos gastos e com um aspeto húmido. A maquilhagem era horrível, mais um símbolo do que outra coisa, suponho. Via bem que ela estava nervosa por eu a observar. Compreendia o nervosismo dela. Quando eu tinha aquela idade, não sabia como me mexer, se estava a caminhar demasiado depressa, se os outros se davam conta do meu desconforto e rigidez. Como se toda a gente estivesse constantemente a avaliar a minha atuação para me chumbar. Ocorreu-me que Sasha era muito jovem. Demasiado jovem para estar ali com Julian. Parecendo ler-me os pensamentos, fitou-me com um surpreendente ar de desafio.

– Lamento que o teu pai não te tenha dito que eu estaria cá – disse eu. – Posso dormir no outro quarto se vocês quiserem a cama maior. Ou, se quiserem ficar sozinhos, de certeza que arranjo qualquer coisa...

– Não – disse Julian. – A Sasha e eu podemos dormir em qualquer sítio, não é verdade, miúda? E estamos só de passagem. Vamos para norte. Em busca de erva. Faça esta viagem, de LA até Humboldt, pelo menos uma vez por mês.

Ocorreu-me que Julian queria que eu ficasse impressionada.

– Eu não vendo nem nada desse género – prosseguiu Julian, recuando. – Só faço o transporte. Um tipo só precisa de dois sacos de desporto e de um *scanner* dos rádios da polícia.

Sasha ficou com um ar inquieto. E se eu os metesse em sarilhos?

– Mas, explica-me lá, como conhecestes o meu pai? – perguntou Julian. Acabou uma cerveja e abriu outra. Tinham trazido umas

quantas embalagens de seis. As outras provisões à vista: o cascalho de nozes e outros frutos secos e cereais. Uma embalagem por abrir de gomas ácidas, o saco amarrotado e rançoso de *fast food*.

– Conhecemo-nos em LA – respondi. – Vivemos juntos por um tempo.

Dan e eu tínhamos partilhado um apartamento em Venice Beach em fins dos anos 1970, Venice com as suas ruelas terceiro-mundistas, as palmeiras batendo nas janelas ao sabor dos ventos quentes da noite. Eu vivia do dinheiro dos filmes da minha avó enquanto estudava Enfermagem. Dan queria ser ator. Isso nunca chegaria a acontecer. Em vez de se tornar ator, Dan casou-se com uma mulher com algum dinheiro de família e lançou uma empresa de congelados vegetarianos. Agora, era proprietário de uma mansão anterior ao terramoto de 1906, em Pacific Heights.

– Oh, espera aí... A amiga de Venice? – De súbito, Julian parecia mais interessado. – Esqueci-me do teu nome...

– Evie Boyd – disse eu, e a expressão que de súbito se apossou do seu rosto surpreendeu-me: reconhecimento, em parte, mas também interesse genuíno.

– Espera aí – disse ele. – Largou a rapariga e ela pareceu ficar esvaziada pela sua ausência.

Talvez Dan lhe tivesse contado como as coisas tinham corrido mal para mim. A ideia incomodou-me e, num gesto automático, levei a mão à cara. Um antigo hábito vergonhoso de adolescência, era o modo como eu escondia uma borbulha. Uma mão descuidada no queixo, os dedos remexendo nos lábios. Como se isso não chamasse as atenções, não tornasse tudo pior.

Julian, agora, estava entusiasmado.

– Ela pertenceu àquela seita – disse ele à rapariga. – Certo? – perguntou, virando-se para mim.

Um vazio de pavor abriu-se no meu estômago. Julian continuava a olhar para mim, numa expectativa ansiosa. A respiração como que em *staccato*, fraturada.

Eu tinha catorze anos naquele verão. Suzanne tinha dezanove. Às vezes o grupo queimava um incenso que nos deixava estonteadas e dóceis. Suzanne a ler em voz alta passagens de um número antigo

da *Playboy*. As polaroides obscenas e luminosas que surripiávamos e vendíamos como cromos de beisebol.

Eu sabia que facilmente podia acontecer, o passado à mão de semear, como o inevitável deslize cognitivo de uma ilusão de ótica. O tom de um dia ligado a um determinado objeto: o lenço de *chiffon* da minha mãe, a humidade de uma abóbora cortada. Certos padrões de sombra. Mesmo a reverberação do sol no capô de um carro branco podia fazer com que uma onda momentânea me invadisse, abrindo um espaço estreito de regresso. Tinha visto velhos estojos de batom *Yardley* – o batom agora transformado numa mera coisa esfarelada e cerosa – à venda por quase cem dólares na Internet. Para que mulheres adultas pudessem voltar a cheirá-los, a sentir aquele fedor químico a flores. Por aí se podia ver com que intensidade as pessoas o desejavam – saber que as suas vidas *tinham* acontecido, que as pessoas que em tempos haviam sido ainda existiam dentro delas.

Havia tantas coisas que regressavam a mim. O sabor penetrante do molho de soja, fumo no cabelo de alguém, as colinas cobertas de erva adquirindo o tom dourado de junho. Uma combinação de carvalhos e pedregulhos, vista pelo canto do olho, podia escancarar qualquer coisa no meu peito, e as palmas das mãos ficavam de repente suadas da adrenalina.

Em Julian, antecipei repulsa, talvez mesmo medo. Essa era a reação lógica. Mas fiquei confusa com o modo como ele olhava para mim. Com um misto de temor e respeito.

O pai devia ter-lhe contado. O verão da casa desmoronada, os miúdos pequenos queimados pelo sol. Quando tentei pela primeira vez contar ao Dan, na noite de um *blackout* parcial em Venice que obrigou a uma intimidade apocalíptica à luz das velas, ele desatou a rir-se. Interpretara erroneamente o tom sumido da minha voz como uma sugestão de hilaridade. Mesmo depois de ter convencido o Dan de que estava a dizer a verdade, ele falou do rancho com a mesma patetice paródica. Como um filme de terror com maus efeitos especiais, o microfone-girafa a mergulhar no enquadramento, dando ao massacre um tom de comédia. Foi um alívio exagerar o meu distanciamento, arrumar o meu envolvimento no pacote ordenado da história.

O facto de o meu nome não ser referido na maior parte dos livros ajudou. Nos livros com o título ensanguentado ressumando nas páginas lustrosas com fotografias da cena do crime. Nem no volume, menos popular, mas mais preciso, escrito pelo procurador-geral, cheio de minudências, incluindo o esparguete não digerido que encontraram no estômago do miúdo. As poucas linhas que mencionavam o meu nome estavam enterradas num livro esgotado de um antigo poeta, e ele percebera mal o nome e não o associara minimamente à minha avó. O mesmo poeta garantia que a CIA produzia filmes pornográficos protagonizados por uma Marilyn Monroe drogada, filmes vendidos a políticos e a chefes de Estado estrangeiros.

– Já passou muito tempo – disse eu a Sasha, mas na expressão dela não se lia nada.

– Ainda assim... – contrapôs Julian, todo animado. – Sempre achei uma coisa bela. Doentia, mas bela – disse ele. – Uma expressão fodida, mas uma expressão, estás a ver. Um impulso artístico. É preciso destruir para criar, todas essas coisas hindus.

Era visível que ele interpretava a minha perplexidade como aprovação.

– Fogo, nem sequer consigo imaginar... – continuou Julian. – Quer dizer, estar no meio de uma coisa assim.

Esperava que eu reagisse. Senti-me atordoada na emboscada das luzes da cozinha: seria possível que eles não reparassem que havia demasiada luz ali? Perguntei-me se a rapariga seria mesmo bonita. Havia uma sombra amarelada nos seus dentes.

Julian deu-lhe uma cotovelada.

– A Sasha não faz a menor ideia do que estamos a falar.

A maior parte das pessoas conhecia pelo menos um dos horríveis pormenores. Às vezes, os miúdos da escola imitavam o Russell no Halloween, com as mãos manchadas de *ketchup* surripiado do refeitório. Uma banda de *black metal* usara o coração na capa de um álbum, o mesmo coração enrugado, sulcado, que Suzanne deixara na parede de Mitch. Desenhado com o sangue da mulher. Mas Sasha parecia uma miúda – por que raio teria alguma vez ouvido falar daquilo? Por que raio se importaria minimamente com o caso? Estava perdida naquela ideia profunda e segura de que não havia mais nada além

da sua própria experiência. Como se as coisas pudessem seguir apenas um caminho e os anos nos conduzissem por um corredor até ao quarto onde o nosso inevitável eu aguardava – embrionário, pronto a ser revelado. Que triste era percebermos que alguns nunca chegavam lá. Que alguns viviam toda uma vida roçando a superfície e os anos passavam e essa bênção nunca era alcançada.

Julian afagou o cabelo de Sasha.

– Foi uma história do caraças, uma coisa mesmo em grande, os *hippies* matarem aquele pessoal lá para os lados de Marin.

O entusiasmo no seu rosto era familiar. O mesmo fervor das pessoas que povoavam os fóruns *online*, que pareciam nunca abrandar ou morrer. Lutavam pela supremacia, pela propriedade do caso, adotavam o tom de entendidos, e um verniz de erudição mascarava a sordidez essencial dessa atividade. Que procuravam no meio de todas as banalidades? Como se o tempo naquele dia tivesse alguma importância. Todas as minudências pareciam importantes, enquanto objeto de reflexão demorada: a estação de rádio que se ouvia na cozinha de Mitch, o número e a profundidade das facadas. O modo como as sombras poderiam ter bruxuleado naquele carro concreto que seguia por aquela estrada concreta.

– Eu só estive por lá uns meses – disse eu. – Nada de importante.

Julian parecia desapontado. Eu imaginava a mulher que ele via quando olhava para mim: o cabelo desgrenhado, as vírgulas de preocupação em torno dos olhos.

– Mas sim... – admiti. – Estive lá bastante tempo.

Esta resposta devolveu-me firmemente ao seu universo de interesses.

E assim deixei que o momento se desvanecesse.

Não lhe disse que teria dado tudo para nunca ter conhecido Suzanne. Que teria dado tudo para permanecer na segurança do meu quarto, nas colinas secas perto de Petaluma, junto às estantes apinhadas com as lombadas a folha de ouro dos meus livros favoritos de infância. E teria dado mesmo tudo. Mas, nalgumas noites, incapaz de dormir, punha-me a descascar lentamente uma maçã no lava-louça, deixando o anel alongar-se sob a cintilação da faca. A casa escura à

minha volta. Por vezes, não era mágoa o que sentia. Era uma ausência, uma falta.

Julian enxotou Sasha para o outro quarto como um pacífico pastor adolescente. Perguntou se eu precisava de alguma coisa antes de me desejar boa noite. Fiquei perplexa – ele fez-me lembrar a escola e os rapazes que se tinham tornado mais bem-educados e extremamente produtivos graças às drogas. Que zelosamente lavavam os pratos do jantar da família enquanto tripavam, hipnotizados pela magia psíquica do detergente.

– Dorme bem – disse Julian, fazendo uma ténue vénia de gueixa antes de fechar a porta.

Os lençóis da minha cama estavam numa barafunda; a ferroada do medo ainda pairava no quarto. Que ridícula que eu fora. Tão cheia de medo. Mas mesmo a surpresa de outras pessoas inofensivas chegava para me perturbar. Não queria a minha podridão interior à vista, nem mesmo de forma accidental. Viver sozinha era assustador a esse nível. Ninguém a policiar o derramamento de mim mesma, as formas como denunciava os meus desejos primitivos. Como um casulo construído à nossa volta, feito das nossas próprias inclinações puras e duras, nunca arrumadas e limpas segundo os padrões da vida humana concreta.

Continuava nervosa e só com algum esforço consegui relaxar, regular a respiração. A casa era um porto seguro, dizia a mim mesma, eu estava bem. De súbito, parecia ridículo, aquele encontro confuso. Através da parede fina, ouvia os sons de Sasha e Julian a instalarem-se no outro quarto.

O rangido do soalho, as portas do armário a serem abertas. Provavelmente, estavam a pôr lençóis no colchão nu. A sacudir anos de pó acumulado. Imaginei Sasha a olhar para as fotografias da família na prateleira, Julian ainda bebé a pegar num gigantesco telefone vermelho. Julian com onze ou doze anos, num barco alugado para ver baleias, o rosto dele açoitado pelo sol, assombroso. Provavelmente, Sasha projetava toda essa inocência e doçura no homem quase adulto que despia os calções e dava palmadinhas na cama para ela se juntar

a ele. Os resíduos indistintos de tatuagens amadoras que ondulavam ao longo dos braços.

Ouvi o gemido do colchão.

Não fiquei surpreendida por eles foderem. Só que havia a voz de Sasha, num queixume de porno. Sonoro e granuloso. Não sabiam que eu estava mesmo ao lado? Virei as costas para a parede, fechei os olhos.

O rosnado de Julian.

– És uma puta? – dizia ele. – A cabeceira da cama a bater contra a parede. – Hã? És?

Mais tarde, dei por mim a pensar que Julian sabia de certeza que, no quarto ao lado, eu ouvia tudo.